

## LIDERANÇA

O que faz um líder? Posição? Status? Celebridade? Casta? Influência? Estilo? A liderança é automaticamente concedida numa célula de um organograma? Onde figuram posição e poder na fórmula para liderança? E qual é o modelo ideal para líderes? É o presidente da empresa? O comandante militar? O chefe de Estado?

Jesus respondeu a todas essas perguntas em poucas palavras. Suas visões sobre liderança estão visivelmente fora do passo com a sabedoria convencional da nossa era: “Sabeis que os governadores dos povos os dominam e que os maiores exercem autoridade sobre eles. Não é assim entre vós; pelo contrário, quem quiser tornar-se grande entre vós, será esse o que vos sirva; e quem quiser ser o primeiro entre vós será vosso servo; tal como o Filho do Homem, que não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate por muitos” (Mt 20.25-28).

De acordo com Cristo, então, o mais verdadeiro tipo de liderança requer serviço, sacrifício e abnegação. Uma pessoa orgulhosa e que se promove não é um bom líder de acordo com o padrão de Cristo, independente de quanta influência ela teria. Líderes que olham para Cristo como seu Líder e seu modelo supremo de liderança terão corações de servos. Eles exemplificarão sacrifício.

Eu percebo que essas não são características que a maioria das pessoas associa com liderança, mas elas são qualidades essenciais de uma abordagem bíblica à liderança, que é o único tipo em que estou interessado.

A propósito, observe que Jesus estava expressamente ensinando os cristãos a abordarem a liderança de uma maneira diferente e de um ponto de vista radicalmente diferente dos líderes deste mundo. É loucura para os cristãos assumirem (como muitos fazem hoje em dia) que a melhor maneira para aprenderem sobre a liderança seja de exemplos seculares.

Há uma razão crucial para isso: A liderança para o cristão sempre tem uma dimensão espiritual. O dever de liderar pessoas traz certas obrigações espirituais. Isso é tão verdadeiro para o presidente cristão de uma companhia secular como é para a mãe dona de casa cuja esfera de liderança poderia chegar a nada além dos seus próprios filhos. Todos os cristãos em todo tipo de liderança são chamados para ser líderes espirituais.

Não pense que a dimensão espiritual de liderança refere-se apenas a pastores, missionários, de carreira ou líderes da igreja. Todo líder que também é um cristão – incluindo o gerente de qualquer fábrica, o treinador de futebol e o professor do jardim de infância da escola pública – precisa se lembrar que o papel da liderança é uma responsabilidade espiritual, e as pessoas que lideramos são uma responsabilidade recebida de Deus para a qual seremos um dia chamados a prestar conta (cf. Mt 25.14-30).

Se você verdadeiramente entender sua responsabilidade diante de Deus, como um líder, pode começar a ver por que Cristo retratou o líder como um servo. Ele não sugeriu, como muitos supõem, que somente a humildade é a essência da liderança. Existem muitos propensos a serem servos bastante humildes, submissos, compassivos, que não são líderes. Um verdadeiro líder inspira seguidores. Alguém que não tem seguidores dificilmente pode ser chamado de líder.

Então é verdade que a liderança exige um coração de servo; não é o caso, de maneira alguma, de que todos com coração de servo sejam líderes só por isso. Há muito mais na liderança do que isso.

Para dizer isso de maneira simples, a liderança é influência. O líder ideal é alguém cuja vida e cujo caráter motivam as pessoas a seguirem seu exemplo. O melhor tipo de liderança tira sua autoridade primeiro da força de um exemplo justo e não meramente do poder de prestígio, personalidade ou posição. Pelo contrário, muito da “liderança” do mundo não passa de manipulação das pessoas por meio de ameaças e recompensas. Isso não é liderança verdadeira; é exploração. A liderança verdadeira procura motivar o interior das pessoas com um apelo ao coração, não por pressão e coerção externas. Por todas essas razões, a liderança não é tanto sobre estilo ou técnica quanto é sobre caráter.

Quer uma evidência de que liderança eficaz não é só sobre estilo? Note que vários estilos divergentes de liderança são exemplificados na Escritura. Elias era um solitário e um profeta; Moisés delegou a pessoas confiáveis que ele mantinha por perto. Pedro era impetuoso; João era compassivo. Paulo era um líder dinâmico, mesmo ao ser levado por todo lugar em cadeias. Ele influenciou as pessoas principalmente pela força das suas palavras. Evidentemente, sua aparência física era qualquer coisa menos poderosa (2Co 10.1). Todos eram homens de ação, e todos usaram seus diversos dons de maneiras notadamente diferentes. Seus estilos de liderança eram variados e diversos. Mas todos eram verdadeiros líderes.

Novamente, penso que é um erro sério para líderes cristãos ignorarem esses exemplos bíblicos de liderança e, em vez disso, voltarem-se para modelos seculares em busca de fórmulas de estilo obcecado, as quais eles acham que farão deles melhores líderes. Contudo existem agora organizações inteiras para treinar líderes da igreja com técnicas de liderança e estilos de gerenciamento de “peritos” seculares. Li recentemente um livro cristão que analisa as técnicas empresariais e administrativas usadas em Google.com, Amazon.com, Starbucks, Ben & Jerry, Dell Computers, General Foods, e várias outras prestigiosas corporações seculares. Os autores daquele livro ocasionalmente tentam inserir um texto ou dois de prova bíblica para sustentar alguns dos princípios que ensinam, mas, em sua maioria, indiscriminadamente aceitam tudo que parece produzir “sucesso” como um bom modelo para líderes da igreja imitarem.

Então alguém me deu um artigo da Forbes. O editor daquela revista diz que um livro best-seller sobre liderança da igreja e filosofia de ministério por um pastor evangélico é “o melhor livro sobre comercialidade, negócios e investimento que eu li em algum tempo”.<sup>1</sup> O editor da Forbes diz; “qualquer que seja seu pensamento sobre [este pastor] ou suas convicções religiosas, ele tem discernido uma necessidade do consumidor lá fora”. Então ele apresenta um resumo do livro, substituindo a palavra negócio por igreja, para demonstrar que os mesmos princípios de administração atualmente produzindo megaigrejas funcionarão no mundo corporativo. Ironicamente, ele está citando um pastor que emprestou sua filosofia de empresários seculares de sucesso. A suposição feita dos dois lados é que tudo que “funciona” nas empresas é automaticamente transferível para a igreja, e vice-versa. Por exemplo, o editor da Forbes cita o pastor: “A fé e a dedicação não superarão uma falta de habilidade e tecnologia.

Palavras engraçadas de um pregador, porém quão verdadeiras”.<sup>2</sup> Mas isso é realmente verdadeiro? A fé e a dedicação estão desprovidas de algo vital que deve ser provido por habilidade e tecnologia? A teoria de administração moderna de repente destrancou princípios de liderança que eram escondidos até agora? O sucesso financeiro e crescimento incorporado do McDonald’s automaticamente fazem a abordagem deles à McGerencia um modelo bom para líderes cristãos seguirem? A influência de Wal-Mart traduz em prova que o estilo de liderança incorporado deles é certo? A liderança autêntica é meramente uma questão de técnica? Esta abordagem de imitar tudo que é atualmente da moda em teoria de administração secular pode

<sup>1</sup> Rich Karlgaard, “Purpose Driven”, *Forbes* (16 de fevereiro de 2004), 39.

<sup>2</sup> Ibid.

ser possivelmente reconciliada com a declaração de Jesus de que seu reino opera num estilo de liderança notadamente diferente dos “governadores dos povos”?

Claro que não pode. É um engano sério para cristãos em posições de liderança terem mais interesse com o que é atualmente popular no mundo empresarial do que com o que nosso Senhor ensinou sobre a liderança. Estou convencido de que os princípios de liderança que ele ensinou são essenciais ao sucesso autêntico em campos espirituais e seculares. E só porque uma técnica de liderança parece “funcionar” efetivamente em um ambiente incorporado ou político não significa que deva ser abraçada inquestionavelmente por cristãos. Em outras palavras, você não se torna um líder espiritual estudando as técnicas dos empresários. Você não pode exemplificar liderança bíblica e, ao mesmo tempo, seguir as tendências da Madison Avenue.<sup>3</sup> A liderança cristã envolve bem mais que o *modus operandi*. Novamente, a verdadeira liderança espiritual é toda sobre caráter, não estilo.

Estou convencido de que há modelos melhores para líderes cristãos a seguir do que os empresariais. Seguramente nossos mentores em liderança espiritual devem ser pessoas espirituais. Não parece óbvio que o apóstolo Paulo teria mais para ensinar aos cristãos sobre como liderar do que nós podemos aprender de Donald Trump?

Desde a época em que eu cursava o primeiro grau, tenho devorado várias biografias de grandes líderes cristãos – pastores eminentes, pastores distintos, missionários preeminentes, e outros heróis da fé. Suas vidas me fascinam e me desafiam. Sou fortemente incentivado por homens e mulheres que serviram bem a Cristo. Suas histórias foram um catalisador poderoso para eu avançar na minha própria caminhada espiritual. Juntos, eles me influenciaram tanto quanto qualquer influência viva que tenha conhecido. É claro que sou a soma de muitas influências, não sendo as menores o exemplo religioso de meu pai como pastor e pregador da Palavra, o padrão de oração e vida santa da minha mãe, e muitos outros mentores espirituais pessoais que me ensinaram. Mas eu não posso descontar o impacto profundo em minha vida que veio de biografias escritas sobre pessoas que eu nunca conhecerei face a face deste lado do céu.

Nossa cultura hoje está clamando por soluções pragmáticas, fórmulas confortáveis, programas de três passos, quatro passos, ou doze passos para responder a toda necessidade humana. Certamente o anseio para respostas práticas não é completamente errado. Embora a exposição bíblica tenha sido meu principal alvo e metodologia no meu próprio ministério de pregar e escrever, tento de fato ser tão prático quanto possível no meu ensino.

Mas sempre achei a biografia cristã inerentemente prática. Um livro que expõe a história ou carreira de um cristão nobre não precisa ser acentuado com o sistema explícito de passos ou imperativos e advertências dirigidos ao leitor. O testemunho de uma vida religiosa é por si só suficiente para motivar. É por isso que estimo as histórias de vida e memórias dos líderes religiosos.

De todas as biografias que li e as vidas que deixaram sua marca no meu caráter, nenhum indivíduo mortal deixou uma impressão mais profunda em mim que o apóstolo Paulo. Às vezes sinto que sei mais dele do que qualquer um menos Cristo, porque passei uma porção principal da minha vida estudando o relato bíblico da sua vida, epístolas e ministério, aprendendo sobre liderança aos seus pés.

Passei vários anos na década de noventa pregando em 2Coríntios, cuja epístola inclui uma parte do material autobiográfico mais significativa sobre Paulo em todo o Novo Testamento. Nenhuma epístola e nenhum trecho do livro de Atos expõe o verdadeiro coração de Paulo com a mesma clareza ou paixão como esta frequentemente negligenciada epístola. É

<sup>3</sup> [Endereço das empresas de publicidade e propaganda em Nova York]. Nota do tradutor.



mais que autobiográfico; é uma visão muito pessoal nas profundidades da sua alma. É uma perspectiva de quadro janelado no caráter de um cristão que é um líder e que caminha próximo a Deus. Revela o que uma pessoa que olha verdadeiramente na face de Jesus Cristo pode ser. Aqui está um modelo para aqueles que desejam ser líderes espirituais. Aqui está o padrão. Aqui está o exemplo de carne e sangue e meu mentor.

Atos 27 e 2 Coríntios mostram o melhor de Paulo como um líder. Alguns que apenas esquadrinham essas páginas poderiam ser a princípio tentados a pensar: “isso é tudo sobre Paulo; não é nada sobre mim”. Mas na verdade é sobre o que nós deveríamos ser. O próprio Paulo disse: “Admoesto-vos, portanto, a que sejais meus imitadores” (1Co 4.16). “Sede meus imitadores, como também eu sou de Cristo” (11.1). Ele era um verdadeiro exemplo de líder à semelhança de Cristo.

Você já se deu conta como a liderança de Paulo era manifesta na mais improvável das situações? Num naufrágio onde ele era a menor das pessoas a bordo do navio ele agiu à altura dos acontecimentos e demonstrou poderes extraordinários de liderança.

1Coríntios 9.24-27 e Atos 6.1-7 caracterizam critérios fundamentais sobre o caráter e disciplina pessoal do líder. O que aprendemos do apóstolo Paulo é a mesma coisa que Jesus ensinou: que o caráter – não estilo, não técnica, não metodologia, mas caráter – é o verdadeiro teste bíblico em relação à liderança notável. A organização empresarial é maravilhosa, porém o empresário sem caráter mais qualificado no mundo não é nenhum líder genuíno. Planejamento estratégico é importante, mas se você não tiver líderes que as pessoas seguirão, seu plano estratégico falhará. A clareza de uma declaração proposta bem traçada é crucial, mas o verdadeiro líder espiritual tem de ir além de esclarecer somente o foco das pessoas. O líder autêntico é um exemplo para seguir. E o melhor exemplo para seguir, como sabia Paulo, é aquele que segue a Cristo.

Consequentemente, a Escritura, não o mundo empresarial ou a arena política, é a fonte com autoridade para a qual nós precisamos olhar a fim de aprender a verdade sobre liderança espiritual.

Naturalmente, para o cristão, os princípios bíblicos deveriam ser levados para o âmbito empresarial, para a vida familiar, para a política e para toda a sociedade, e ali aplicados. Princípios bíblicos sobre a liderança não são princípios apenas para a igreja. Na realidade, os cristãos devem estabelecer tendência para toda liderança secular, empresarial e política, em vez de imprudentemente emprestar do mundo tudo o que parece “funcionar”.

Todas as pessoas devem ser líderes? Obviamente, nem todos são chamados para ser líder na mesma medida, ou a liderança, por definição, não existiria (cf. 1Co 12.18-29). Mas todo cristão é chamado para ser uma espécie de líder, em alguma medida, porque todos nós recebemos um mandado para ensinar e influenciar outros. A Grande Comissão de Cristo é uma ordem para fazer “discípulos de todas as nações... ensinando-os a guardar todas as coisas que [Cristo] vos tenho ordenado” (Mt 28.19,20). O escritor de Hebreus repreendeu seus leitores por causa da imaturidade espiritual deles, dizendo: “devíeis ser mestres” (5.12). Claramente, pois, todos os cristãos são chamados para influenciar outros e lhes ensinar a verdade sobre Cristo. Então, não importa qual seja seu status, posição, dom, ou ocupação, você é chamado para ser um líder em alguma medida.

Minha oração é que você, quer atualmente você se ache um líder ou não, deseje o tipo de liderança que o apóstolo Paulo exemplificou: liderança espiritual corajosa, inflexível, fiel, que inspira pessoas com fome de ser imitadores de Cristo.

*O livro sobre liderança, John MacArthur Jr., Editora Cultura Cristã*

## **PÓS-MODERNISMO**

O modernismo é agora considerado um modo de pensar do passado. A cosmovisão dominante tanto no círculo secular quanto no acadêmico atualmente é chamada de pós-modernismo. Os pós-modernistas têm repudiado a confiança absoluta dos modernistas na ciência como único caminho para a verdade. Na realidade os pós-modernistas, perderam completamente o interesse pela “verdade”, insistindo que não existe tal coisa como verdade absoluta ou universal.

O modernismo era de fato asneira e precisava ser abandonado, mas o pós-modernismo é um passo trágico na direção errada. Ao contrário do modernismo, que estava ainda preocupado com a possibilidade de convicções básicas, crenças e ideologias serem objetivamente verdadeiras ou falsas, o pós-modernismo simplesmente nega que qualquer verdade possa ser objetivamente conhecida.

Para o pós-modernista a realidade é o que o indivíduo imagina que seja. Isso significa que o que é “verdadeiro” é determinado subjetivamente pela pessoa, e não existe tal coisa como a chamada verdade objetiva, com autoridade que governa ou se aplica universalmente a toda a humanidade. O pós-modernista acredita naturalmente que não faz sentido debater se a opinião A é superior à opinião B. No final das contas, se a realidade é meramente uma invenção da mente humana a perspectiva de verdade de uma pessoa é afinal tão boa quanto a de outra.

Tendo desistido de conhecer a verdade objetiva, o pós-modernista se ocupa, em lugar disso, com a busca para “entender” o ponto de vista da outra pessoa. Então as palavras “verdade” e “compreensão” tomam significados radicalmente novos. Ironicamente, “compreensão” requer que primeiro de tudo desacreditemos na possibilidade de conhecer qualquer verdade. E “verdade” se torna nada mais do que uma opinião pessoal, geralmente melhor guardada para si mesmo.

Essa é uma exigência essencial, não negociável, que o pós-modernismo faz a todo mundo: nós não devemos pensar que conhecemos qualquer verdade objetiva. Os pós-modernistas frequentemente sugerem que toda opinião deveria receber igual respeito. E, portanto, numa visão superficial, o pós-modernismo parece movido por uma preocupação pela mente aberta para se chegar à harmonia e à tolerância. Tudo soa muito caridoso e altruísta, mas o que realmente sublinha o sistema de crenças pós-modernistas é uma intolerância total por toda cosmovisão que faça alegações de qualquer verdade universal — particularmente o Cristianismo bíblico.

Em outras palavras, o pós-modernismo começa com uma pressuposição que é irreconciliável com a verdade objetiva, divinamente revelada nas Escrituras. Da mesma maneira que o modernismo, o pós-modernismo é fundamental e diametralmente oposto ao evangelho de Jesus Cristo.

*Princípios para uma cosmovisão bíblica, John MacArthur Jr., Editora Cultura Cristã*

## SERVO

Uma pessoa que deve sua obediência a outra. A palavra hebraica mais comum para servo no AT é עֶבֶד, geralmente traduzida na LXX pelas palavras gregas δοῦλος, escravo, ou παῖς, menino ou moço, e menos frequentemente por θεράπων, servo (de um deus), e οἰκέτης, escravo doméstico. Outras palavras hebraicas incluem רֶנֶּע, jovem; מַשְׁרֵת, um servo do Templo; שָׂכִיר, trabalhador assalariado (como distinto de um escravo). Outras palavras gregas incluem διάκονος, ministro ou ajudante; μισθίος, ou μισθωτός, mercenário; e υπηρέτης, assistente, auxiliar, ou oficial.

Esta terminologia (esp. עֶבֶד) é frequentemente usada no AT para se referir a escravos, considerados como propriedade, embora possuindo também certos direitos (para as leis referentes aos escravos veja Êx 21.1-11, Lv 25.39-55, Dt 15.1-18). Em muitos casos, contudo, “servo” é uma tradução melhor do que “escravo”, porque as palavras têm a ver com serviço ou obediência num sentido muito mais geral do que é conhecido hoje com escravidão. Um servo pode ser qualquer um comissionado por alguém mais poderoso do que ele: e.g. um administrador de confiança (Gn 24.2), um soldado num exército (Jr 52.8), um oficial da corte (1Sm 8.14s.), ou um rei vassalo (2Rs 17.3). Ele é dependente da proteção de seu senhor (16.7), e por sua vez concorda em lutar, se for necessário, para proteger ou promover os interesses de seu senhor (10.3). Um relacionamento servo/senhor pode ser uma espécie de aliança (e.g. Js 9.6ss.), contratada voluntariamente com palavras como “somos teus servos” (Js 9.8; 2Rs 10.5) ou, “serei teu servo” (2Sm 15.34). Um servo, dirigindo-se a seu senhor, pode expressar sua humildade e dependência falando de si mesmo como “teu servo”. Isto relembra o senhor de seu acordo, especialmente se o servo está procurando ajuda ou proteção, embora em alguns casos se torne pouco mais do que uma formalidade, um substituto cortês para “eu”.

Este uso “pactual” da terminologia de servo é especialmente visível em passagens onde o servo é um servo de Deus. Elias proclama sua obediência a Deus com as palavras “eu sou teu servo” (1Rs 18.36). Juízes e reis se dirigem ao Senhor como qualquer servo se dirigirem a seu senhor terreno (Jz 15.18; 1Sm 3.9; 14.41; 23.10s.). Aqueles que oram a Deus geralmente se referem a si mesmos como “teu servo” (e.g. 2Sm 7.19ss., 27ss.; Sl 19.11,13; 27.9; 31.16) ou, “teus servos” (Sl 90.13,16), e apelam para a conduta de Deus no passado para com Moisés “teu servo” (1Rs 8.53; Ne 9.14), ou Davi (1Rs 8.24s.; Sl 132.10, cp. 89.39). Deus, por sua vez, reconhece uma pessoa que presta obediência a ele como, “meu servo”: e.g. Moisés (2Rs 21.8; Ml 4.4); Calebe (Nm 14.24); Davi (2Rs 19.34; Ez 34.23; 37.24); Jó (Jó 1.8); Zorobabel (Ag 2.23), ou figuras messiânicas anônimas (Is 52.13; Zc 3.8). Os profetas são chamados de seus servos, tanto individualmente (1Rs 14.18; 2Rs 14.25; Is 20.3; 22.20), quanto como um grupo (2Rs 17.13,23; Ez 38.17; Am 3.7; Zc 1.6). No sentido mais amplo, os servos de Deus são o povo de Deus, todos os fiéis de Israel são considerados seus “servos” (Is 65.9) ou coletivamente como, “Israel meu servo” (Is 41.8s.; cp. 44.1s.; Sl 136.22).

Se o relacionamento servo/senhor está baseado numa espécie de aliança, é natural que o “povo” de Deus e os “servos” de Deus, devam frequentemente ser conceitos paralelos (como, e.g. em Dt 32.36; Sl 135.14; cp. Ne 1.6; Sl 105.25; Is 63.17). E visto que a aliança é mediada para o povo de Deus por meio de “servos” individuais (e.g. os patriarcas, Moisés, os reis de Israel e os profetas), não é de se admirar que, às vezes, o “povo” seja visto numa íntima associação com um único “servo”, que é considerado como o representante deles diante de Deus (e.g. 1Rs



8.30,52,59,66; cp. Ne 1.11; Sl 78.70s.). O que está visivelmente faltando no AT é a ideia de que um “servo de Deus” que exerce liderança sobre Israel, em algum sentido, também um “servo do povo”. Nem a moderna noção de um “servo público”, nem o ideal Católico Romano de um “servo dos servos de Deus” têm qualquer analogia explícita no AT. A abordagem mais próxima a tal conceito é, talvez, o conselho de um ancião a Roboão em 1 Reis 12.7 (“se, hoje, te tornares servo deste povo”), mas este foi um conselho ignorado.

O conjunto de significados na ideia de servo no AT é melhor ilustrada em Levítico 25.42, onde עֶבֶד é usado em dois sentidos: “são meus servos, que tirei da terra do Egito; não serão vendidos como escravos”. A aliança começa com a redenção da escravidão do Egito, e ser servos na aliança não é ser “escravos” de Deus, mas ser seu povo e seus filhos (cp. Êx 4.22s.).

No NT, como no AT, “servo” pode se referir ao povo de Deus em geral (Ap 2.20; 19.5), aos profetas em particular (Ap 10.7; 11.18), ou a um profeta e seu povo reunidos (Ap 1.1). “Teu(s) servo(s)” pode ainda ser uma autodesignação daqueles que se dirigem a Deus em oração (Lc 2.29; At 4.29; cp. o uso por Jesus de “teu Filho” em Jo 17.1). Moisés e Davi (Ap 15.3; Lc 1.69; At 4.25), assim como a comunidade de Israel (Lc 1.54) podem ainda ser chamados de “servos” de Deus, mas este título é mais caracteristicamente empregado para Jesus (Mt 12.18; At 3.13,26; 4.27,30; cp. Fp 2.7). A identificação de Jesus com o servo sofredor de Isaías 52.13-53.12 é decisiva para este desenvolvimento por causa de sua morte sacrificial (cp. Mc 10.45; 1Pe 2.24s.).

O NT difere em terminologia da LXX ao distinguir entre δοῦλος e παῖς frequentemente (embora nem sempre) usando o primeiro para significar escravo, enquanto que o último caminha na direção de criança ou filho. Os escritores do NT podem falar de escravidão do pecado (Jo 8.34; Rm 6.16), mas também num sentido positivo de escravidão a Cristo ou da justiça (Rm 6.16ss.; 1Co 7.23). O próprio Paulo indica, contudo, que esta linguagem é uma metáfora um tanto excepcional (Rm 6.18). Quando ele e outros escritores chamam a si próprios de “servos de Jesus Cristo”, esta não é uma metáfora de escravidão, mas é o uso pactual de “servo” do AT que norteia o pensamento deles. Chamar a si mesmo de “servo” é simplesmente a consequência natural de confessar Jesus Cristo como “Senhor”. Em contraste com o AT, um “servo de Jesus Cristo” é também explicitamente visto como um servo de toda a comunidade de crentes (Mc 10.43s.; 2Co 4.5). Novamente o fator decisivo na mudança é Jesus, que inverte os padrões habituais de autoridade (pagão e judaico) primeiro mediante seu ensino, e então, mediante seu próprio cumprimento do papel do servo (Mc 10.35-45; Mt 23.8-12; Jo 13.1-17).

J. R. MICHAELS

*Enciclopédia da Bíblia*, Editora Cultura Cristã

## O PERFIL DE UM LÍDER CRISTÃO EXEMPLAR

O livro de Atos dos apóstolos faz uma síntese da vida de Barnabé, um dos maiores líderes da igreja cristã, nos seguintes termos: “Porque era homem bom, cheio do Espírito Santo e de fé...” (At 11.24). Há três verdades sobre Barnabé que devemos aqui destacar:

**1. Um líder cristão deve investir sua vida na vida dos outros.** Ser líder é ser servo; ser grande é ser pequeno; ser exaltado é humilhar-se. Barnabé é o único homem da Bíblia chamado de bom. E por que? É porque quase sempre, ele está investindo sua vida na vida de alguém. Em Atos 4.36,37 ele está investindo recursos financeiros para abençoar pessoas. Em Atos 9.27 ele está investindo na vida de Saulo de Tarso, quando todos os discípulos fecharam-lhe a porta da igreja não acreditando que ele fosse convertido. Em Atos 11.19-26, a igreja de Jerusalém o vê como o melhor obreiro a ser enviado para Antioquia e quando ele vê a graça de Deus prosperando naquela grande metrópole, mais uma vez ele investe na vida de Saulo e vai buscá-lo em Tarso. Em Atos 13.2 o Espírito o separa como o líder regente da primeira viagem missionária. Em Atos 15.37-41 Barnabé mais uma vez está investindo na vida de alguém; desta feita na vida de João Marcos. Precisamos de líderes que sejam homens bons, homens que dediquem seu tempo e seu coração para investir na vida de outras pessoas.

**2. Um líder cristão deve esvaziar-se de si para ser cheio do Espírito Santo.** Barnabé era um homem cheio do Espírito Santo. Sua vida, suas palavras e suas atitudes eram governadas pelo Espírito de Deus. Um líder cheio do Espírito tem o coração em Deus, vive para a glória de Deus, ama a obra de Deus e serve ao povo de Deus. Barnabé é um homem vazio de si mesmo, mas cheio do Espírito Santo. A plenitude do Espírito não é uma opção, mas uma ordem divina. Não ser cheio do Espírito é um pecado de negligência. Precisamos de líderes que transbordem do Espírito, homens que sejam vasos de honra, exemplo para os fiéis, bênção para o rebanho de Deus. Quando os líderes andam com Deus, eles influenciam seus liderados a também andarem com Deus. Por isso, a vida do líder é a vida da sua liderança. Deus está mais interessado em quem o líder é do que no que o líder faz. Vida com Deus precede trabalho para Deus. Piedade é mais importante do que performance.

**3. Um líder cristão deve colocar seus olhos em Deus e não nas circunstâncias.** Barnabé era um homem cheio de fé. Ele vivia vitoriosamente mesmo diante das maiores dificuldades, porque sabia que Deus estava no controle da situação. A fé tira nossos olhos dos problemas e os coloca em Deus que está acima dos problemas. A fé é certeza e convicção. É certeza de coisas e convicção de fatos (Hb 11.1). É viver não pelo que vemos ou sentimos, mas na confiança de que Deus está no controle, mesmo que não estejamos no controle. A fé sorri diante das dificuldades, não porque somos fortes, mas porque embora sejamos fracos, confiamos naquele que é onipotente. Barnabé é um exemplo de um líder que deve ser seguido. Precisamos de líderes que vejam o invisível, creiam no impossível e toquem o intangível. Precisamos de líderes que ousem crer no Deus dos impossíveis e realizar coisas para ele. Precisamos de líderes que olhem para a vida na perspectiva de Deus, que abracem os desafios de Deus e realizem grandes projetos no reino de Deus.

Hernandes Dias Lopes

[www.hernandesdiaslopes.com.br](http://www.hernandesdiaslopes.com.br)



## COMO NÃO SER DESQUALIFICADO

Nestes capítulos finais, contemplaremos o que qualifica alguém para liderar. Porém, começaremos olhando para uma armadilha comum que pode desqualificar facilmente uma pessoa de ser líder mesmo depois dela ter feito um bom começo. Esta é uma armadilha que provavelmente causou a queda de mais líderes do que qualquer outro perigo: a falta de disciplina pessoal.

Pessoas naturalmente talentosas acham às vezes difícil manter a disciplina. O músico que tem habilidade superior poderia tocar bem sem muita prática. O atleta talentoso poderia jogar bem sem trabalhar tão duramente quanto os colegas da sua equipe. Um artista com habilidades extraordinárias poderia não ter que trabalhar muito para sobressair. Por esta razão, alguns dos mais talentosos indivíduos no mundo também são os mais indisciplinados. Frequentemente observamos a evidência chocante disso nos estilos de vida de celebridades e heróis do esporte.

Paulo era um líder natural supremamente talentoso. Podemos deduzir isso do fato que, até mesmo como um jovem, foi-lhe designada a superintendência da campanha do Sinédrio contra os cristãos (At 7.58). Em Atos 26.10, recontando sua oposição feroz ao evangelho antes de conhecer Cristo, ele disse: “Havendo eu recebido autorização dos principais sacerdotes, encerrei muitos dos santos nas prisões; e contra estes dava o meu voto, quando os matavam”. O fato de que ele pudesse votar sugere fortemente que provavelmente fosse um membro do Sinédrio, o mais alto conselho governante em todo o Judaísmo.

Atingir tal estatura sendo tão jovem fala de um intelecto fascinante e dons superiores. E, contudo, nós já vimos prova abundante que o apóstolo Paulo não era alguém para se basear nas suas próprias habilidades naturais, coragem intelectual ou dons da liderança. “Trabalhei muito mais do que todos eles”, ele disse em 1Coríntios 15.10, “todavia, não eu, mas a graça de Deus comigo”.

E, conseqüentemente, Paulo realçou para nós outra qualidade crítica, indispensável e supremamente importante que todo líder tem de preservar: Um líder é disciplinado.

O autocontrole é absolutamente vital ao êxito duradouro em qualquer empenho de vida. Muitas pessoas atingem um grau de preeminência só pela força do talento natural. Mas os líderes reais, influentes são aqueles que se dedicam à disciplina pessoal e tiram o máximo de seus dons. Àqueles que falta totalmente o autocontrole invariavelmente falharão, e eles perdem o exemplo de integridade tão essencial ao melhor tipo de verdadeira liderança.

O apóstolo Paulo, como já vimos muitas vezes, estava absolutamente certo do seu chamado. Ele defendia com confiança seu apostolado quando outros atacavam sua autoridade. Ele não tinha nenhuma dúvida que fosse sobre seu lugar legítimo como um líder. Afinal de contas, ele foi chamado de um modo extraordinário para uma função sem igual. Paulo indicou que o Cristo ressuscitado até mesmo apareceu a ele em forma física (1Co 15.8; cf. At 23.11). Aliás, o encontro pessoal de Paulo com o Senhor glorificado foi tão notável e tão singular que ele apontou para isto na defesa do seu apostolado (1Co 9.1). Paulo também tinha a mesma habilidade que Jesus deu aos Doze para produzir milagres, sinais e maravilhas (2Co 12.12; cf. Mt 10.1).

Não surpreende que Paulo estivesse tão seguro do seu chamado. Deus o havia separado e ordenado especificamente para sua função missionária e seu ofício apostólico. O chamado e aprovação de Paulo por Deus ficaram claros a todos. Na verdade, a comissão apostólica de Paulo era repetidamente confirmada de tantos modos poderosos e dramáticos que até mesmo os mais determinados esforços de muitos falsos apóstolos intrigantes não puderam ter êxito em desqualificá-lo.

E, mesmo assim, o próprio Paulo falava com grande apreensão sobre a possibilidade dele ainda ser desqualificado.

Poderíamos esperar que Paulo fosse tão confiante na sua chamada, que ele nunca levaria em consideração qualquer medo de fracasso final. Paulo, como todas as pessoas, não deveria ser imune de ansiedade sobre o risco de ser declarado inelegível? Mas ele escreveu sobre esta preocupação do modo mais honesto e explícito.

Paulo retratava a vida frequentemente como uma competição atlética com a execução de uma corrida (At 20.24; Gl 2.2; 5.7; Fp 2.16; 3.13,14; 2Tm 2.5). Ele estava determinado a ganhar a corrida. Ele não queria tropeçar ou se desmoronar antes de alcançar a linha da chegada. Em 1Coríntios 9.24-27, ele escreveu estas palavras, que dão compreensão clara e maravilhosa ao coração de um verdadeiro líder:

Não sabeis vós que os que correm no estádio, todos, na verdade, correm, mas um só leva o prêmio? Correi de tal maneira que o alcanceis. Todo atleta em tudo se domina; aqueles, para alcançar uma coroa corruptível; nós, porém, a incorruptível. Assim corro também eu, não sem meta; assim luto, não como desferindo golpes no ar. Mas esmurro o meu corpo e o reduzo à escravidão, para que, tendo pregado a outros, não venha eu mesmo a ser desqualificado.

A palavra grega traduzida “desqualificado” no versículo 27 é *adokimos*. Fala de ser rejeitado, eliminado por uma violação de regra, desaprovado. É a mesma palavra traduzida “réproba” na versão King James de Romanos 1.28 (“Deus os entregou a uma mente réproba”). Paulo estava descrevendo o tipo de eliminação vergonhosa, infame, pessoal que acontece quando um atleta é encontrado deliberadamente trapaceando ou violando de outra maneira as regras da corrida.

Obviamente, Paulo não tinha nenhum medo de que seus inimigos pudessem desqualificá-lo com seus ataques sobre as credenciais apostólicas dele. Ele resistiu a todos esses ataques com suprema confiança e convicção, como já observamos. Mas ele estava falando sobre um tipo completamente diferente de desqualificação. Ele estava dizendo que não queria ser inelegível. Ele não queria cair com estrépito, queimar-se moralmente e ser espiritualmente desqualificado.

Esse é um perigo sério para todos na liderança. A confiança do líder na sua própria chamada deve ser emparelhada e equilibrada por um medo sagrado de fracasso espiritual pessoal. Líderes são expostos a tentações singulares e sem igual. Por causa da posição crítica que têm, eles enfrentam ataques extraordinários dos poderes da escuridão. O orgulho tem sido uma armadilha característica para muitos; uma falta de pureza e autocontrole levou outros a se afundarem. A falta moral e pessoal tem sido a queda de muitos em liderança. Tudo isso tem sua origem na falta de disciplina.

A força de Sansão foi superada por causa da sua própria falta de autocontrole. A sabedoria de Salomão foi comprometida pela sua luxúria. E se Davi, um homem segundo o próprio coração de Deus, pôde sucumbir à luxúria dos olhos e cometer adultério e assassinato, nenhum líder jamais deveria se sentir imune a fracasso pessoal. Paulo certamente não sentia.

Para falar a verdade, essa foi a grande preocupação de Paulo sobre seu próprio papel como um líder. Ele não queria se desqualificar da corrida. Então se disciplinou, conteve seus desejos carnis e trouxe seu próprio corpo à sujeição, de modo que o tempo nunca viria, depois de ter pregado a outros, quando ele próprio seria desqualificado. Ele mantinha seu olhar no prêmio (Fp 3.13,14). Ele se exercitava na religiosidade (1Tm 4.7). E correu a corrida com resistência (Hb 12.1).

*O livro sobre liderança, John MacArthur Jr., Editora Cultura Cristã*